

Ela sabia que Deus é algo de triste, como uma borboleta de pés pesados que não quer ser pedra ou árvore. Mas acreditava que o sábio Yossef sabia coisas que ela não sabia. E no ônibus, no caminho de volta para Jaffa, ela riu interiormente. Pensou que toda aquela gente sabia provavelmente ler e escrever e talvez conhecesse coisas que nem precisava saber. Ela, porém, sabia de uma coisa terrível que eles ignoravam; ela sabia de que era tecida a vida, de que era bordada.

\* \* \*

De noite, quando Clara sentia a morte se aproximar, ela saía. Punha o vestido preto que havia costurado para o enterro do senhor Sasson e ia passear entre as ruínas de Djabeliyeh, onde as anêmonas vermelhas e até as papoulas haviam desistido de brotar, como se naquele lugar desolado, entre os bairros novos e a cidade gigantesca que se construía em volta, não fosse só o sangue dela que parara de borbulhar, mas também o dos árabes. Ela não passeava do lado do arbusto de mamona, porque o arbusto a vira fazer o sinal da cruz. Ia passear, porque imaginava que, se morresse sozinha dentro de casa, poderia apodrecer sem que ninguém soubesse.

Abrão morreu de enfarte no dia em que ficou sabendo que Angelina pusera no mundo mais um filho de pai ignorado. Então Siona veio à ruína pela primeira vez em sua vida, tirou as penas de todas as almofadas e espalhou-as pela casa, dizendo: “— Foi aqui que minha filha se prostituiu.” Durante a noite, Clara pensou estar morta. Era uma noite quieta, e de longe ouvia-se o latido de cachorros. Do outro lado das ruínas, entre o esqueleto de uma nova casa recém-começada, eram visíveis as escuras cruces do cemitério inglês cercado de um muro de pedras. A lua era cheia e havia algo de puro e imaculado no ar. Clara ficou surpresa quando viu seu filho, que ardia nela como uma febre, andando entre as cruces como se estivesse vivo. Ele vestia o hábito branco de monge e seu rosto era pálido à luz da lua cheia. Quando ele lhe falou, ela tapou os ouvidos, porque bem sabia que havia sido sua oração ao Deus dele que o trouxera para ela, no lugar onde fizera o sinal da cruz e onde o pé de mamona a havia visto em sua vergonha. Ela não ouvia o que ele dizia, mas levou-o para casa e, de repente, a morte escapou-lhe do corpo, que se tornou leve como se estivesse dançando através da casa. Ela ajudou-o a tomar banho na banheira que Myuhas trouxera para as moças dele, sentou-o ao seu lado e falou-lhe como se ele fosse criança. Cantou-lhe velhas canções que não cantava havia muitos anos, e ele ouvia sentado e curvado, com pesadas lágrimas nos olhos. Quando ele falava, ela tapava os ouvidos, mas preparou guloseimas para ele e beijou seus olhos verde-dourados. Depois de visitar o irmão na

cadeia, ele voltou para Jerusalém. Diziam que ele morava num convento. Às vezes, mandava cartas, mas ela não as abria e nunca pediu que alguém as lesse para ela.

Quando a esposa de Schmucl Abuman adoeceu, Clara começou a ir à casa dele. Cuidava da doente, e esta pensava que ela fosse uma enfermeira do Hospital Dedjani. A mulher era cega e surda e seu corpo estava esfarelado numa lassidão apavorante. Sem oferecer resistência, em pouco tempo estava reduzida a uma sombra entre o lençol e o cobertor. Clara dava-lhe de comer, e ela cuspiam a comida. Clara sentava-a na bacia, lavava-a, mas do corpo só sobravam as unhas afiadas e uma sombra que não oferecia resistência à morte. Clara cantava-lhe canções em ladino, mas a mulher era surda demais para ouvir. Quando morreu, segurou a mão de Clara em sua mão. A mão estava fechada com mais força do que a que houvera nela havia muito tempo, como se tivesse sido fechada com a força da morte. Schmucl Abuman estava atrás de Clara e acariciou seu cabelo prateado. Talvez por isso ela riu, mas não riu da mulher morta, da qual restava apenas uma sombra. Ela riu um riso sem alegria, em lugar do grito que estava escondido nela havia muito tempo. Ao escutar o próprio riso, assustou-se, soltou sua mão da mão da morta e saiu para fora.

Nos sons de seu riso, Clara ouvira o eco longínquo da Haftará que Schmucl Abuman havia cantado melhor que o neto do rabino Tam. Então vomitou e ficou doente algumas semanas. O médico deu-lhe dentes de alho e fez magias; e Yolanda deu-lhe cem liras para viajar até Jerusalém. Perto do Muro das Lamentações, ela viu novamente o filho. Ele estava usando outras roupas, seu rosto estava cheio de rugas e triste, como se algo de terrível lhe estivesse intimamente acontecendo. O rosto tinha ficado transparente e, através dele, via-se o coração palpitar, como aquele de uma boneca mecânica que Clara havia visto uma vez na vitrina de uma loja da rua Allenby e cujo mecanismo era bem visível. Quando ela viu a angústia que o rosto do filho transmitia, quis fazer o que mães não fazem nunca: quis levá-lo para os pátios de Myuhas e dar-lhe uma mulher para seis dias e seis noites; mas sentiu que não podia dar um presente assim àquele filho que tinha os olhos de um demônio e o rosto de um mártir. Jantaram juntos e ele comprou um xale de seda e rendas para ela. Contou-lhe que em Jerusalém ouvira a voz de Deus e arrependera-se. Contou-lhe que a cruz estava escondida embaixo da cama dele, porque não tinha remorsos do que fizera naqueles dias nas montanhas. Disse-lhe: “Deus fechou os olhos e não olhava os que não usavam a cruz; agora Deus voltou ao seu povo.” Clara não compreendeu como Deus, o grande, terrível e misericordioso, podia sair e voltar, mas ela abraçou seu filho com grande medo e disse-lhe: “— Você sempre foi o meu preferido e agora você voltou para dentro